Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

# Interações na sociedade em midiatização: a conversação sobre a Marcha do Acampamento Terra Livre[1]

# Interactions in a Mediatized Society: Conversations about the Acampamento Terra Livre March

Leonardo Marques
Leonardo Silva Maciel

**Palavras-chave:** Conversação; Acampamento Terra Livre; Instagram; povos originários; midiatização.

## 1. Um povo guerreiro.

"*Sou a cultura, sou arte de um povo guerreiro em devastação*"
(Yará Sateré-Mawé, Acampamento Terra Livre, 2025).

O canto de uma de jovem abre a sessão solene em homenagem aos 21 anos do Acampamento Terra Livre. Uma indígena, da etnia dos Sateré-Mawé, sobe ao púlpito da Câmara dos Deputados clamando pelo respeito aos povos indígenas, aos seus territórios, ao seu relacionamento com a floresta e, acima de tudo, ao seu direito de viver.

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Durante os dias 7 a 11 de abril de 2025 ocorreu, no Distrito Federal, a 21° edição do Acampamento Terra Livre, o maior encontro de mobilização indígena, segundo a Articulação dos Povos Indígenas (APIB), que comemorava seus 20 anos de luta e resistência que convocaram: “vamos ocupar as ruas de Brasília, ecoar as nossas vozes, balançar nossos maracás e lutar pelos nossos direitos, em defesa da Constituição e da vida!” (ABIP, 2025).

A mobilização organizada encontra, em episódios constantes, a violência física e estrutural, com repreensão policial e discursos que os inferiorizam oriundos das estruturas que servem ao capital e ao poder dominante, como a mídia hegemônica. Nesse sentido, indaga-se: como os processos comunicativos podem desempenhar um papel de intervenção política e construção cidadã?

Em 1976, a Conferência das Nações Unidas determinou que a participação popular é um direito humano, um dever político e instrumento de construção nacional. Segundo Cicilia Peruzzo (1998), o processo comunicativo é umas das instâncias na qual é possível exercer esse direito/dever. Edgar Morin (1986), antropólogo francês, defende que a mudança social não é tarefa de um único interlocutor (partido político, instituições e organizações) ante um trabalho coletivo e social, que requer múltiplas atualizações e acionamentos, em movimento complexo e simultâneo. Nesse sentido, a comunicação, como processo construtor de sentido, se caracteriza como instância necessária para a transformação.

Portanto, a comunicação e a midiatização da sociedade (José Luiz Braga, 2006), que atravessa e reconfigura os campos sociais, possibilitam a construção da cidadania. Porém, em que momento a comunicação é acionada como estrutura de transformação política e cívica?

Ângela Marques e Rousiley Maia (2008) defendem que a comunicação política, com caráter deliberativo, acontece em discussões políticas do cotidiano e podem ser observadas na análise de conversação.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O quadro apresentado indagou o desenvolvimento desta pesquisa: como acontece a conversação cotidiana sobre a marcha do Acampamento Terra Livre? Ou seja, como se caracteriza o comentário das pessoas acionadas por esse tema e quais as dinâmicas relacionais envolvidas nesse processo?

Para responder essa questão, desenvolvemos uma investigação empírica com o auxílio de dois interlocutores: o perfil jornalístico conhecido como Mídia Ninja e a ativista e deputada federal Célia Xakriabá. O Mídia Ninja foi escolhido como material investigativo por se declarar como: "rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir de uma lógica colaborativa de trabalho". Em tese, uma imprensa alternativa, que possui processos de comunicação diferenciados do ponto de vista dominante (Peruzzo, 2023). Enquanto a escolha da deputada caracteriza-se com uma das principais lideranças da mobilização indígena brasileira.

Este resumo apresenta: questões sobre cultura, povos e comunidades tradicionais; à comunicação digital, redes sociais e conversação, com as escolhas metodológicas da investigação, a coleta de materiais investigativos e a análise da conversação sobre o tema da marcha do Acampamento Terra Livre no Instagram dos perfis apresentados.

## 2. Acompanhando um rio em coma

Desvendar as relações entre o Estado brasileiro e os povos indígenas é tarefa complexa. Ailton Krenak (2019) apresenta os dados sobre as etnias sobreviventes ao processo de colonização em somatória às transformações mercantilistas sobre o espaço geográfico, após o processo violento contra os povos indígenas, sobrevivem hoje cerca de 900 mil pessoas, agrupadas em 250 povos, em suas palavras, a relação com o Estado continua demarcada pela violência extrema: "o que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo".

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O filósofo indígena identifica uma característica colonial na sociedade brasileira, que idealiza os povos indígenas como contribuintes do projeto de extermínio da natureza. Porém, para a cultura dos povos indígenas, o rio, a terra, as florestas "é uma pessoa, não um recurso". Os sentidos alicerçados na sociedade brasileira, no que tange as imagens ofertadas sobre os povos indígenas, são abordados por José Bessa Freire (2016), para o autor, existem cinco equívocos construídos sobre os povos indígenas: a) o indígena genérico; b) que as culturas indígenas são atrasadas; c) que as culturas são congeladas; d) que indígenas pertencem ao passado; e) que o brasileiro não é indígena.

As categorias construídas pelo autor são autoexplicativas, porém, resume-se que, o imaginário brasileiro constrói o indígena como: um único povo, ou seja, um bloco de culturas iguais, incapazes de produzir saberes, ciência e religião, contrária, ao suposto, desenvolvimento urbano, tecnológico e global; sempre nu, com seu arco e flecha no meio da floresta e, qualquer representação distante disso, deixa de ser indígena; por fim, a sociedade brasileira desconsidera o legado, a história e a participação dos povos indígenas na formação identitária nacional. Falácia última, contestada por Aníbal Quijano (2000, p.342), ao anunciar as cores do colonialismo: somos índios, vermelhos, marrons, brancos, azeitonados, amarelos e mestiços.

Todo o imaginário sobre as etnias comentadas nesse estudo advém de uma construção do outro, ou seja, uma relação de violência no encontro interétnico. Portanto, retomamos o conceito de identidade dos Estudos Culturais, com apoio de autores como Stuart Hall (2006) e Homi Bhabha (1998).

Identidade são construções histórico-social e cultural, originadas a partir da relação categórica de sentido: gênero, raça, sexualidade, classe, religião e outros e da oposição entre Eu e o Outro: "O Outro é aquilo que Eu não sou". Além disso, para Hall (2006) a identidade é material, ao se relacionar com projeções simbólicas, como o corpo.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

É valiosa a categorização de identidade cultural em duas formas: a cultura unificada e a cultura que se difere em momento cruciais. Na visão de Hall (2006), a identidade cultural unificada reflete as experiências históricas em comum.

Essa categoria organiza e estabelece um quadro de referência capaz de mobilizar as lutas pós-coloniais. O autor exemplifica o papel desempenhado pela identidade unificada no resgate das experiências de negritude e escravidão na América Latina. De forma semelhante, a marcha do Acampamento Terra Livre é compreendida como um movimento social que unifica a identidade indígena, a partir de experiências comuns na pós-colonialidade brasileira.

A segunda categoria permite compreender a "experiência traumática" da colonialidade, neste percurso, as identidades são construções que se "tornam", não é algo pré-existente na sociedade, as identidades possuem passado e futuro e são (re)construídas por atravessamentos entre a cultura, o lugar e a história. É o que distingue as identidades coletivas de negritude no caribe, para identidades jamaicanas, dominicanas e outras.

Compreender as identidades múltiplas, seus trânsitos e as relações interculturais e interétnicas é parte estruturante de pensar as violências na contemporaneidade. Afinal, as relações de poder, que constroem episódios de segregação e estruturam as relações de dominação são produtos identitários, culturais e, portanto, sócio-históricos e atravessados pela comunicação.

**3. O mesmo cardápio, o mesmo figurino**

Esse estudo parte do pressuposto já desenvolvido por diversos autores (Braga, 2006; Braga,2011; Martino,2014) que desmistifica a internet como construtora de relações sociais únicas e inéditas. Portanto, temos o sujeito, por detrás das telas, como protagonistas de seus discursos, cliques e sentidos circulados (Guimarães, Marques, 2019).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

As escolhas metodológicas que orientam o desenvolvimento dessa pesquisa se inspiram nos percursos sobre conversação online propostos por (Withscge,2008; Recuero, 2009; Marques, 2009; Guimarães, Marques, 2019; Borelli, 2020). Para apresentação do material investigado, optamos por retirar as imagens de perfil dos usuários da plataforma, Instagram e qualquer outro tipo de identificação do interlocutor, a fim de preservar a idoneidade dos atores sociais.

A conversação política complexifica e enriquece o espaço de comentários nas redes sociais, por permitir aos interlocutores observarem e aprenderem sobre performances e performatividades diversas, instaurando diversas cenas, inclusive conflituosas, no espaço digital (Guimarães e Marques, 2019).

Durante o período da marcha para o Acampamento Terra Livre, capturamos 10 produções de sentido, veiculadas no perfil da deputada Célia Xakriabá e 14 publicações no perfil Midia Ninja, ambos na plataforma Instagram, com materialidades distintas: entre vídeos, imagens e textos, que divulgaram as ações e a mobilização social em torno dos direitos dos povos indígenas.

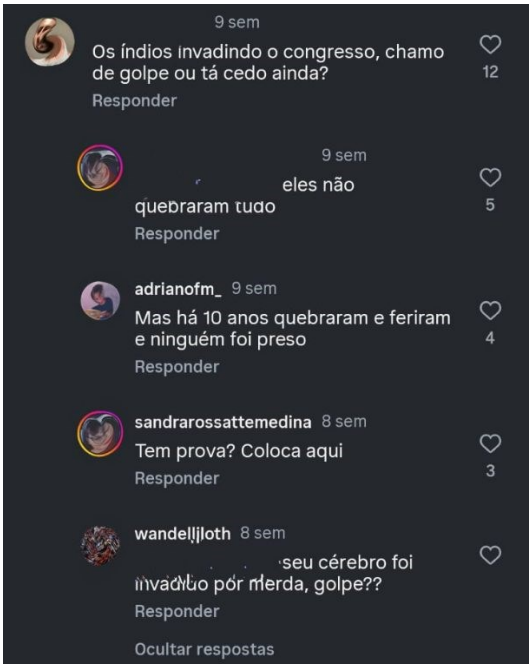
Dentre os conteúdos analisados, o conteúdo que gerou maior engajamento e participação foi um vídeo que registrou a violência cometida contra os participantes da Marcha ATL, que possuía a deputada comentada como principal vítima, por ser uma das líderes e congressista.

O vídeo, compartilhado nos dois perfis, obteve mais de 4 milhões de visualizações e 147 mil curtidas, em menos de 24 horas após a sua publicação, porém, os comentários, que são o material de investigação deste estudo, foram bloqueados, o que nos levou a investigar as outras construções que se derivaram ou não desse produto.

Na análise do material pudemos observar a predominância dos comentários polarizados:

**Figura 1:** Comentários polarizados no Mídia Ninja

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)




Fonte: https://www.instagram.com/reel/DIU0cXUp5Z9/?igsh=MW41bms2cGs4YTRsMg==

Com a atuação organizada de um coletivo de pessoas para provocar uma cena de polarização, que enfraquece o debate público e instaura a incivilidade entre antagônicos, próximo ao conceito expresso por Thorsten Quandt (2018) denominou de *dark participation*. Com objetivo de enfraquecer as reivindicações dos povos originários interlocutores utilizam estratégias para elevar a posição dos seus comentários.

A construção de uma mensagem incivil, em primeiro lugar ganha curtidas de seus apoiadores, que por consequência terá mais relevância para seus opositores, gerando uma onda de respostas incivis, o engajamento gerado será lido, pela construção algorítmica da plataforma, como um conteúdo relevante, subindo para as primeiras posições na estrutura de conversação, que por consequência, apagará comentários com potencial político.

Observamos, portanto, que no Mídia Ninja predominaram os conteúdos noticiosos de denúncia à violência policial cometida contra os manifestantes, com diversas dinâmicas de silenciamento da conversação política por meio da estratégicas

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

comunicativas de vincular a Marcha ATL com o movimento antidemocrático de 8 de janeiro de 2023.

No perfil da deputada Célia Xakriabá, junto a exposição da violência do Estado, circulou-se conteúdos sobre as palestras da Marcha ATL e as dinâmicas participativas e culturais dos povos indígenas. Essas publicações provocam um debate identitário, com os "parentes" e outros interlocutores demonstrando apoio à Marcha, porém, não geram uma conversação, enfraquecendo a possibilidade da participação e do debate político.

Despontou, após o início das investigações uma questão específica: como acontece a conversa sobre a violência policial, ou do Estado, a partir do episódio específico? Para essa questão, observamos que o meu contexto foi acionado: o movimento antidemocrático e os interlocutores instauraram uma conversação política sobre o uso desmedido da força para com os povos originários, em contrapartida, essa repreensão não foi observada, na visão das pessoas em conversa, em janeiro de 2023.

Nesse percurso, observamos que os marcadores identitários foram utilizados para questionar a violência policial e verificou-se que a conversação apresentou sinais de incivilidade, porém não organizou ataques pessoais a usuários da plataforma (hate speech).

A análise proposta neste resumo expandido descortina formas de apreciação dos valores e modos de vida dos interlocutores, investiga as redes de conversação sobre temas políticos que incide no debate democrático, além disso, advogamos pelo uso criativo e estratégico das plataformas de sociabilidade como uma maneira de transgredir o discurso hegemônico. Compreendemos que, para além do debate público sobre o Marcha do Acampamento Terra Livre, o Instagram poderia tornar-se uma ferramenta, no período do movimento, para desvelar a cultura e os saberes dos povos originários.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

**Referências**

APIB. Apiboficial.2025. Página ATL 2025. Disponível em: https://apiboficial.org/atl-2025/. Acesso em: 24 de maio de 2025.

BHABHA, H. K. O Local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica mediática. Paulus, 2006.198.

BRAGA, José Luiz. Comunicação como trabalho da diversidade (perspectiva e metodologia). Matrizes, v. 16, n. 3, p. 103-120, 2022.

ERRICO, Livia de Souza Pancracio de. Acesso e utilização dos serviços de saúde da população da etnia Xakriabá, Norte de Minas Gerais. 2011. Universidade Federal de Minas Gerais, [s. l.], 2011. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/GCPA-8KUGH7. Acesso em: 10 jun. 2025.

GUIMARÃES, Bruno Menezes Andrade; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Conversação política e interações em tempos de midiatização: notas sobre os comentários no Facebook sobre as ações da frente parlamentar evangélica. Anais de

Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, v. 1, n. 3, 2019.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 2006.

LARRAÍN, Jorge. O conceito de identidade. Revista FAMECOS, v. 10, n. 21, p. 30-42, 2003.

MARQUES, Ângela C. S. A conversação cívica sobre o Bolsa Família: contribuições para a construção da cidadania e da autonomia política de mulheres pobres. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 14, n. 54, 2009. DOI: 10.12660/cgpc.v14n54.44183. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/44183. Acesso em: 9 jun. 2025.

MARQUES, Ângela; MAIA, Rousiley Celi Moreira. A conversação sobre temas políticos em contextos comunicativos do cotidiano. **Politica & Sociedade**, v. 7, n. 12, p. 143-175, 2008.

MORIN, E. Para sair do século XX. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Editora Vozes, 1998.

18

PERUZZO, Cicilia Krohling. Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na Era Digital: Entre Utopias Freireanas e Distopias. Media & Jornalismo, [S. l.], v. 23, n. 42, p. 23-38, 2023. DOI: 10.14195/2183-5462_42_1. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/12200. Acesso em: 31 mai. 2025.

QUANDT, Thorsten. Dark participation. Media and communication, v. 6, n. 4, p. 36-48, 2018.